

A DESCOBERTA DE UM TESOURO: O MUSEU ARQUEOLÓGICO DE SAMBAQUI DE JOINVILLE

*Cristiane Daniela Trevizan**
*Édina Francini Simão***

Resumo

O presente artigo é um relato sobre a possibilidade de articular o ensino e a aprendizagem de História com os Projetos Pedagógicos do Museu Sambaqui de Joinville em relação à 3ª série do Ensino Fundamental. O Museu é um grande aliado na Educação e se constitui como um importante espaço para a aprendizagem. O Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville, através de seus projetos pedagógicos, vem contribuindo para a formação de cidadãos mais críticos através da construção de novos conhecimentos. Nesse sentido, os objetos do museu contribuem para a valorização do patrimônio histórico cultural, bem como para a construção da noção de temporalidade.

Palavras-chave: Museu. Objeto. História.

Abstract

This article is a report on the possibility to articulate the teaching and learning of history with the Projects Pedagogical the Museum Sambaqui of Joinville in relation to the 3rd series of primary education. The Museum is a great ally in Education and is constituted as an important area for learning. The Archaeological Museum of Sambaqui of Joinville, through its educational projects, has contributed to the formation of citizens most critical through the construction of new knowledge. Therefore, the objects of the museum contribute to the recovery of historical cultural heritage, as well as for the construction of the concept of temporality.

Keywords: Museum. Object. History.

Title: The discovery of a treasure: The Joinville's Sambaqui Archaeological Museum.

* Acadêmica do curso Normal Superior - Anos Iniciais.

** Professora orientadora, Licenciatura em História e Mestrado em Educação nas Ciências.

Introdução

Muito se fala sobre uma revolução na educação. Mas será que essa revolução não está muito mais perto do que podemos imaginar? Será que como educadores realmente buscamos vários meios de envolver o aluno e proporcionar a aprendizagem?

A partir de tais questões surgiu o tema do presente artigo. Através da experiência realizada com as crianças da terceira série, verificou-se que o Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville contribui intensamente para que o ensino e a aprendizagem de história se tornem mais significativos. Por isso é importante divulgar este tesouro que o museu proporciona para que mais alunos desfrutem deste trabalho.

Sendo assim, o principal objetivo deste artigo é valorizar a contribuição que o Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville pode oferecer aos alunos da 3ª série do Ensino Fundamental através de seus Projetos Pedagógicos.

Neste artigo iremos evidenciar a importância do Museu também para o ensino e aprendizagem de História; mostrar a exploração dos objetos para a compreensão e análise de questões referentes às mudanças e permanências no modo de vida das pessoas; e relatar a experiência vivenciada na disciplina: A Sala de Aula – Prática em História, a partir da prática do Projeto com a turma de 3ª série dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

O presente artigo possui a seguinte problematização: como o Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville pode contribuir para a aprendizagem de história das crianças de 3ª série do Ensino Fundamental?

O museu no cenário histórico

Em um siteⁱ de relacionamento da internet existem mais de cem comunidades que se titulam: “Quem vive de passado é museu”; apenas uma dessas comunidades possui mais de 360 mil membros. Será que algum desses membros parou para refletir sobre o sentido dessa frase? Afinal, o que é um museu? Um museu vive de passado?

Conforme nos cita Libedinsky (1997, p. 170), o Conselho Internacional de Museus (ICOM), dependente da Unesco, define o museu como uma instituição permanente, a serviço da sociedade e seu desenvolvimento, sem fins lucrativos, aberta ao público em geral, que “adquire, conserva, pesquisa, comunica e exhibe com propósitos de estudo, educação e deleite testemunhos materiais do homem e seu meio”.

Libedinsky (1997, p. 170) ainda menciona a *Enciclopedia Monitor*, da Editorial Salvat, quando afirma que a origem do museu remonta ao ano de 290 a.C., consistindo em um centro de reunião intelectual onde iam os sábios discutir os seus conhecimentos sob a celebração das musas (na mitologia grega, inspiradoras dos artistas). Nesse sentido, “a museologia é a ciência que se ocupa de resolver os problemas que propõe um museu em suas três missões: conservação, pesquisa e docência”.

Se pensarmos em um cenário histórico sobre a significação do conceito e utilidade social do museu, teríamos centenas de representações a respeito disso. É o que nos afirma Tamanini (2003, p. 80), completando que os principais assuntos “entre amigos e inimigos dos Museus surgiram desde a Revolução Francesa, quando relíquias aristocráticas e religiosas foram, primeiro, salvas do vandalismo político e depois exibidas ao público”.

O trabalho inovador que começou a provocar mudanças na Museologia concretizou-se a partir de 1959, na França, através de alguns especialistas que começaram a questionar os museus tradicionais. Tamanini (2003, p. 80) afirma que estas modificações vieram como

“resposta à crise advinda do impacto da industrialização e da grande tendência de especialização do conhecimento”. Dessa forma, eram realizados alguns debates e algumas experiências inovadoras a respeito da função social dos museus na sociedade contemporânea.

Prática educativa – o museu enquanto espaço de cultura

O Museu é, sem dúvida, um grande aliado quando se fala em “fazer a diferença na Educação”. O foco é pensar como possibilitar um ensino e aprendizagem de história significativos, porém, sabemos que a visita ao museu pode contribuir para o aprofundamento de temas abordados em diversas áreas do saber. Conforme Fonseca (2003, p.224) “os museus constituem importantes espaços de aprendizagens, contribuindo significativamente para o conhecimento, o respeito e a valorização do patrimônio sócio-histórico e cultural dos povos”.

Embora não seja esse o foco do presente artigo, é muito importante refletirmos sobre a educação patrimonial, já que é impossível falar em museu sem pensarmos no patrimônio histórico e cultural. Segundo Horta (1991), a educação patrimonial é a única garantia para a preservação do nosso patrimônio.

Horta (1991, p. 13) afirma que não adianta aplicar na tarefa da educação patrimonial os princípios da pedagogia, uma vez que o desafio real é o de fazer com que as pessoas “despertem para a consciência de que por trás desse espelho do passado estamos nós mesmos, e de que vale a pena nos reconhecermos nestes espelhos”. Esse reconhecimento no passado e no tempo possui “conseqüências na nossa vida presente, e é importante para a nossa sobrevivência em algum lugar no futuro”.

Ao analisarmos o comentado acima não podemos cair na inocência e na pobreza de pensar que um passeio mal feito ao museu pode ser de grande valia aos nossos alunos. Não podemos pensar pequeno! Muitos educadores nos abrem as portas e nos questionam para que haja realmente uma nova visão da educação, para que saibamos utilizar os

recursos que temos.

O museu possui um papel significativo na educação. Santos (1997 apud KRAMER, 1998, p. 210) conceitua o museu como “instância educacional, com função social e responsabilidade política”. Santos (1997) afirma que se deve ir ao museu para questionar e se questionar, para não fugir do esquecimento e para ter experiência cultural; já que, o museu não é um espaço para ensinar cultura, mas, sim, um lugar de cultura.

Nesse sentido, defendo a necessidade urgente de professores e profissionais da educação poderem ter sua formação cultural aprimorada, emancipada, expandida criticamente para além de treinamentos formais, por meio de experiências reais vividas em museus e outros espaços de cultura, para que possam conhecê-los, aprender com eles, aprender com a história guardada, falada ou calada nesses espaços, com seus objetos, e para que possam compartilhar tais experiências com crianças, jovens e adultos com quem estejam naquele momento convivendo em escolas dos mais diferentes tipos e instâncias (SANTOS, 1997 apud KRAMER, 1998, p. 211).

Kramer (1998) faz vários questionamentos sobre a utilização dos museus no meio pedagógico e pergunta se cada objeto está realmente contribuindo para que o presente seja colocado numa situação crítica e se a visita ao museu auxilia no processo de ressignificação da história individual e coletiva dos alunos. A autora ainda questiona se o fato de freqüentar museus tem assegurado experiências de cultura em que uns e outros possam se reconhecer naquilo que vêem e vivenciam.

Neste momento é importante lembrarmos se a sociedade em geral conhece o verdadeiro significado do museu. Por que quando as pessoas pensam em museus logo lembram do passado, ou de objetos antigos, e desgastados pelo tempo? É importante que estejamos conscientes de nosso compromisso enquanto professores. Ao fazer uma visita a um museu, por exemplo, procuramos nos preocupar em assegurar aos nossos alunos uma experiência cultural, na qual eles possam se identificar naquilo que estão vivenciando?

Tem os museus contribuído para construir um outro olhar, mais do que para ver? Favorecem a formação estética, incitando a possibilidade de emocionar-nos, assombrar-nos, indignar-nos? Têm atuado os museus

como lugar de cultura onde, com razão e sensibilidade, as pessoas encontrem-se com a história e compreendam-na? A interação com os objetos e com o museu tem sido uma experiência libertadora ou tem exercido uma função opressora sobre aquele que visita, observa, contempla? (KRAMER, 1998, p. 211).

Esses questionamentos nos remetem ao grande benefício que o museu tem a oferecer à educação. Bittencourt (2004) afirma que o potencial educativo dos museus tem proporcionado muitas práticas educativas através de visitas monitoradas, oficinas, construção de *kits* com objetos museológicos emprestados às escolas, especialmente para alunos do curso noturno com poucas possibilidades de visitas a essas instituições. A autora ainda assegura que a maioria dos museus têm uma participação ativa na formação dos docentes. Ela enfatiza a importância que o professor tem de esclarecer aos alunos sobre a definição de museu e sobre o seu papel na constituição da memória social, sendo fundamental que também se mostre ao aluno que tipos de objetos são ali preservados e expostos, a fim de oferecer uma melhor compreensão do que é uma peça de museu.

Existem inúmeras possibilidades de fazer com que a visita ao museu seja realmente algo que permita ao aluno uma experiência única, ou melhor, algo que transforme o aluno em um humano melhor e mais crítico. Estudar o passado permite entender muitos acontecimentos atuais; e através desse entendimento, desenvolver novas percepções para o presente e futuro.

A importância dos objetos no estudo da História

Através das atividades vinculadas à história dos objetos, o professor estimula a percepção dos alunos para que eles vivam mais intensamente as propostas de reflexão oferecidas pelo museu. Ramos (2004) afirma que, desse modo, não se trata mais de visitar o passado, e sim de acender estudos sobre o tempo pretérito, em relação com o que é vivido no presente. Ramos (2004, p.21) também assegura que qualquer museu

histórico, não só pode, como deve ter em seu acervo artefatos do mundo contemporâneo. “Conhecer o passado de modo crítico significa, antes de tudo, viver o tempo presente como mudança, como algo que não era, que está sendo e que pode ser diferente”. Através das relações entre os objetos atuais e os objetos de outros tempos, “o museu ganha substância educativa, pois há relações entre o que passou, o que está passando e o que pode passar”.

Atualmente, as discussões sobre a função pedagógica do museu asseguram que a finalidade não é mais a celebração de personalidades ou a disposição enciclopédica do universo, mas sim a reflexão crítica, ou seja, “a capacidade de observar e descrever, estabelecer relações entre presente – passado – presente, fazer comparações e identificar semelhanças e diferenças entre a diversidade de acontecimentos no presente e passado” (BITTENCOURT, 2004, p. 122).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997) afirmam que um dos objetivos da disciplina de História é reconhecer algumas semelhanças, diferenças, mudanças e permanências no modo de vida de algumas populações, de outras épocas e lugares. Nos estudos históricos é fundamental estabelecer várias relações entre os acontecimentos e os sujeitos históricos expondo, através de explicações abrangentes, as complexidades das vivências históricas humanas.

Ramos (2004, p.20) afirma que “se antes os objetos eram contemplados ou analisados, dentro da suposta neutralidade científica, agora devem ser interpretados”. Diante disso, ainda afirma (p. 21) que se torna necessário desenvolver programas e atividades preparatórias com o objetivo de sensibilizar os visitantes para uma maior interação com o museu, e para que ocorra o envolvimento entre o objeto e o observador. “É por isso que a visita ao museu deve começar na sala de aula, com atividades lúdicas que utilizem materiais do cotidiano, como indícios de práticas que se fazem nas relações sociais”.

É muito importante que o professor possibilite aos seus alunos a noção de que os objetos do museu pertencem a um determinado tempo

histórico diferente do nosso; e por ser diferente do nosso não quer dizer que seja atrasado ou sem valor; muito pelo contrário, eles possuem um valor incomensurável, pois nos permitem entender melhor o passado e compreender como viviam as pessoas de determinada época. É muito provável que, se esta ação fosse posta em prática, a valorização do museu seria muito maior nos tempos atuais e menos pessoas acreditariam que um museu serve apenas como depósito de coisas ultrapassadas.

Almeida e Vasconcellos (2004, p. 107) comentam que não devemos considerar que a ação educativa em um museu precise estar centrada somente nas exposições, "mas que estas são os suportes essenciais que permitem e aproximam a relação com o público em geral, e o escolar em particular". O contato com esses documentos materiais nos permite inserir questões relativas à "constituição de uma memória e da preservação de um passado".

Consideramos a memória não como algo imutável e repetitivo, mas como uma possibilidade de reflexão sobre o passado através da sua representação no momento presente. Assim, a constituição de uma memória está intimamente relacionada com as transformações que o presente lhe confere na reelaboração do passado (ALMEIDA; VASCONCELLOS, 2004, p. 107).

Os mesmos autores ainda afirmam que suas perspectivas são a de que a memória seja percebida como um objeto de conhecimento e que, no caso de um museu histórico, uma de suas principais funções seja a de colaborar para o entendimento de sua construção e de sua representação no momento presente.

A transformação dos objetos de museus em fonte de conhecimento histórico não se dá por si só. Bittencourt (2004) afirma que é necessária uma aproximação do aluno com o objeto, para que as impressões sejam expressas livremente. É importante que seja possibilitado um contato físico com as peças, pois isso favorece uma compreensão mais ampla que provém de seu conhecimento perceptivo. É fundamental que o aluno seja inserido na compreensão do objeto como integrante de uma sociedade

organizada e que faça parte da vida cotidiana de um determinado grupo social.

Por isso, um objeto de museu deve sempre estar relacionado a outros, para que o aluno tenha condições de estabelecer relações, notar diferenças e semelhanças entre os objetos e suas formas, fazer analogias, sugerir hipóteses sobre seu uso ou sobre técnicas de fabricação. O importante é proporcionar uma atitude inquisitiva diante do objeto (BITTENCOURT, 2004, p. 358).

Ramos (2004) afirma que ao assumir a sua função educativa, o museu histórico pressupõe que o ato de expor é um exercício poético a partir de objetos e com objetos. Sendo um espaço de produção do conhecimento, o museu não pode ser confundido com núcleos de pesquisa ou de aulas (apesar de fazer pesquisas e dar aulas), nem com estabelecimentos de diversão (apesar de adotar um estilo lúdico); a peculiaridade de um museu se atinge plenamente através de várias interações: com organizações estéticas e cognitivas, em análises e deslumbramentos, na dimensão lúdica dos fundamentos históricos que constituem o espaço expositivo.

O Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville

O Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ) foi criado em 1969, depois da compra da coleção arqueológica pertencente ao pesquisador Guilherme Tiburtiusⁱⁱ em 1963. Segundo Tamanini (2003, p. 82) a intenção da criação do MASJ era a de “salvaguardar o patrimônio Arqueológico da região de Joinville”.

Conforme o *site* da Fundação Cultural de Joinvilleⁱⁱⁱ, em 1972, com a inauguração do prédio, concebido pelo arquiteto Sabino Barroso e pelo museólogo Alfredo Rusins, o MASJ passou a ter a guarda permanente de materiais arqueológicos da região, que são propriedade da União. Seu prédio contém salas para exposições, laboratórios, reserva-técnica, auditório, biblioteca e salas administrativas.

Tamanini (1994, p. 146) afirma que a principal novidade inserida pelo MASJ, na década de setenta, foi a "criação do serviço educativo, vindo a ser uma das atividades suportes para esta Instituição". A autora ainda comenta que no início, o museu assumiu as linhas de ação da Educação Permanente situando-se na concepção do Programa Nacional de Museus. Foi a partir dessas concepções iniciais de Educação que o MASJ "desponta como uma Instituição Dinâmica e Científica".

Este museu, passa a oferecer, ao ensino formal, o que os cursos de formação e capacitação não ofereciam aos professores da Região. Atuou como reparador das falhas do Ensino de História e Pré-História, uma vez que o currículo escolar apresenta distorções, e ainda hoje, constata-se através da análise de questionários respondidos por professores, que são poucos os professores que tem condições de ministrar aulas de pré-história (TAMANINI, 1994, p. 146).

Na primeira fase dos Projetos Educativos do MASJ, Tamanini (1994 p. 147) afirma que "havia a preocupação de utilizar a exposição como suporte museográfico para, a complementação dos conceitos utilizados anterior a visita." É importante destacar também que, no início, era complicada a interação do Museu com as instituições educacionais, pois as escolas vinham espontaneamente, sem avisar anteriormente à equipe do Museu, de forma que em um mesmo dia eram atendidas várias turmas, que acabavam participando apenas da apresentação da Exposição; "fator relacionado à própria política educacional que não prioriza a formação e o desenvolvimento efetivo e integral do indivíduo, como também a desinformação a respeito das possibilidades culturais e educativas de um Museu." No entanto, nesta fase, como o Museu necessitava dessas visitas para justificar a sua existência, não se comprometeu com as transformações da estrutura Educacional, já que era considerado mais importante para este tipo de trabalho o número de alunos e não a qualidade da relação estabelecida entre o estudante e o Museu.

No ano de 1972, a Mesa Redonda do Chile, segundo Tamanini (1994), indicou algumas iniciativas relacionadas às questões de integração do Museu com a Escola e a participação do professor.

Nesse sentido, o MASJ, ao lado do desenvolvimento de suas atividades, passa a oferecer cursos, seminários e debates, relacionados ao tema da Pré-História, Antropologia e Arqueologia, sob diferentes abordagens. Como forma de assegurar a utilização do Museu pelas Escolas, comprometendo-as com as atividades da Instituição, em 1978, este Museu juntamente com a Secretaria de Educação do Município realizam um convênio (TAMANINI, 1994, p. 149).

A partir disso, os projetos oferecidos eram tematizados e o atendimento passou a ser programado, recebendo uma turma por período. Entretanto, segundo Tamanini (1994 p. 150), este novo procedimento causou certo descontentamento por parte dos professores. Eles consideravam um trabalho inovador e interessante, mas que faltava dar mais conteúdo ao aluno, “constata-se, aqui, a dificuldade do professor em aceitar a idéia de ir ao Museu e não completar o conteúdo que estava programado”.

Contudo, a partir das experiências realizadas com a Metodologia da Educação Patrimonial, Tamanini (1994, p. 154) assegura que se constataram, no MASJ, problemas com a realidade do trabalho museológico. “O público em geral saía do Museu sem uma noção concreta do que era um sítio arqueológico de tipo Sambaqui, como também não entrava em contato com os aspectos da Arqueologia na Região.”

Como o MASJ sempre buscou a atualização e o aperfeiçoamento em sua prática educativa, no ano de 1993, foram criados programas de atendimento ao ensino formal que, segundo Tamanini (1994, p. 152), tinha como objetivo atuar sistematicamente, “considerando a maturidade do público escolar em relação ao conhecimento de Pré-História e Arqueologia, baseados no princípio da Educação Patrimonial”.

Atualmente^{iv}, o MASJ tem a oferecer: Programas de Atendimento Educativo, que, como foi relatado no parágrafo anterior, levam em consideração a maturidade do público escolar; Exposição de longa duração, da Pré-História Regional; duas Exposições Itinerantes “Ossos para Ofício” e “Afim, o que é Arqueologia?”, sendo esta última adaptada para portadores de deficiência visual; Exposições Temporárias, internas ou de

outras Instituições; e o Kit Didático que fica disponível para que os professores possam levar até a sala de aula os objetos que pertenceram aos sambaquianos.

Ramos (2004) afirma que se o museu possui o objetivo de construir um saber histórico, é indispensável pensar sobre o público em geral e principalmente sobre os visitantes das escolas. Os projetos pedagógicos do MASJ vêm contribuindo muito para a comunidade ao longo desses anos e procurando iniciativas mais atualizadas para manter da melhor forma possível projetos pedagógicos cada vez mais eficazes.

A descoberta de um tesouro: o MASJ

Como podemos “levar” os museus para a sala de aula? Partindo deste questionamento, apresentaremos nossa experiência através do relato do estágio vivenciado na disciplina A Sala de Aula – Prática em História, a partir da prática do Projeto com a turma de 3ª série de uma escola Municipal de Joinville.

No primeiro dia cada aluno se apresentou. Perguntamos quem não havia nascido em Joinville e apenas alguns alunos levantaram a mão. Falamos do nosso objetivo em fazer um projeto sobre Joinville e pedimos para que a sala se dividisse em seis grupos. Cada grupo recebeu uma folha pedindo as seguintes informações: o que sabem sobre Joinville e o que querem saber.

Na discussões de grupo alguns alunos vinham nos perguntar sobre Joinville (principalmente sobre os pontos turísticos). Então nós os orientamos a colocar as dúvidas na folha que depois discutiríamos sobre o assunto. Quando todos os grupos terminaram de escrever, recolhemos as folhas e agradecemos a participação de todos na atividade. Schmidt (2004, p.50) afirma que é importante que o aluno se identifique como sujeito da história e da produção do conhecimento histórico. E para isso, o ensino da História implica que “se tome a experiência do aluno como ponto de partida para o trabalho com os conteúdos”.

Após analisar o que os alunos escreveram, percebemos que a maior parte do conhecimento que eles tinham sobre a cidade de Joinville é sobre os pontos turísticos que a cidade possui. Também percebemos que a maior curiosidade deles era sobre como a cidade nasceu e os povos que habitavam Joinville antes da colonização.

Foi neste momento que ficamos sabendo qual rumo devíamos tomar, mas não sabíamos como fazer. A história dos povos antigos, anteriores à colonização é, muitas vezes, uma história silenciada. Então, a professora Édina, orientadora da disciplina, sugeriu que fizéssemos uma visita ao Museu Sambaqui de Joinville.

No dia seguinte, fomos ao MASJ conhecer o Museu. Quem nos fez a apresentação dos artefatos foi uma estagiária do curso de História. Enquanto ela fazia a apresentação, nossas mentes se abriram e encontramos a resposta que nos faltava: o nosso trabalho com as crianças da terceira série seria sobre os Sambaquis na região de Joinville.

Depois dessa visita, desse entusiasmo todo, surgiu o seguinte questionamento: como vamos levar estes alunos para conhecer o MASJ? Sabíamos que essa questão não era tão simples assim e exigia certa burocracia, principalmente quando se tratava de estagiárias. Então a professora Édina recomendou que entrássemos em contato com a professora Judith, do Setor de Educação do MASJ, porque eles tinham à disposição dos educadores os kits didáticos para quem não pudesse levar os alunos até o Museu.

No dia seguinte, através de um telefonema, entramos em contato com a professora Judith e combinamos que ela deixaria alguns objetos na entrada do Museu com a estagiária, para que separássemos o que gostaríamos de levar para a sala de aula. Fomos até o Museu e escolhemos os objetos. No outro dia, pela manhã, entramos novamente em contato com a professora Judith e marcamos o dia para que pudéssemos emprestar os objetos para levá-los para a escola.

No segundo dia iniciamos a aula com a atividade da análise das fotografias de Joinville por volta dos anos 40. Antes de formarmos os

grupos, explicamos a atividade. Cada grupo iria receber uma fotografia de Joinville e deveria analisar os seguintes aspectos: autor da fotografia; período de realização da fotografia e o local; que situação, evento ou acontecimento está retratado; que elementos indicam o lugar em que a foto foi feita; que pessoas fazem parte da fotografia, como elas estão; que objetos estão presentes, quais as características da paisagem e o que possui de diferente do que é hoje.

As fotos, transformadas em recursos didáticos, favorecem a introdução dos alunos no método de análise de "documentos históricos" e, em se tratando da fase inicial da alfabetização, contribuem para que identifiquem ano, nome de lugares e de pessoas ou grupos sociais, além de favorecerem a compreensão do antes e depois e a interiorização do conceito de geração (BITTENCOURT, 2004, p. 369).

Os grupos se reuniram e entregamos as fotografias. Passamos de grupo em grupo e avisamos que ia ser feita uma apresentação para os outros grupos, já que as fotografias eram diferentes umas das outras. Então os alunos passaram a se dedicar mais na análise. Segundo Nemi (1996), o ponto central do ensino de história é assegurar que os alunos desenvolvam uma percepção sobre como se dão as alterações sociais no tempo. Por isso, é muito importante que eles tenham elaborado e internalizado o significado do tempo.

Após cada grupo fazer a análise das fotografias, percebemos que entre os grupos todos os alunos queriam participar da apresentação. Cada grupo fez sua apresentação muito bem, destacando vários detalhes nas fotografias. Dentre alguns estão: não havia asfalto e não havia prédios na época.

O processo deve levar a que o aluno construa seu objeto de conhecimento, desenvolvendo-se como sujeito da investigação e, por consequência, como autor de valores, idéias, conceitos, palavras, discursos e textos, confrontados com a expressão dos colegas – ultrapassando o conhecimento comum que serviu como incentivação inicial (KNAUSS, 2001, p. 39)

No dia anterior ao terceiro dia de estágio fomos até o Museu emprestar o kit didático. Ficamos muito felizes e também mais seguras por poder contar com esse recurso que o MASJ tem a oferecer aos educadores. Estávamos ansiosas para ver a reação dos alunos e o que aquela aula significaria para eles.

No terceiro dia levamos para a aula os objetos que o Museu Sambaqui nos emprestou: maxilar humano, lâmina de machado, conchas de mariscos, conchas de ostras, vértebra humana, vértebra de peixe e coquinhos. Começamos a aula falando sobre os sambaquis (o que são, hábitos dos sambaquianos e como viviam). Fizemos um paralelo da rotina dos sambaquis com a rotina dos alunos (lembrando dos desenhos que eles tinham feito na aula anterior). Até este momento, não tínhamos mostrado os objetos aos alunos.

Pedimos que os alunos se reunissem em cinco equipes. Explicamos para eles que o Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville havia nos emprestado um grande tesouro do nosso passado, um tesouro que provava a existência dos povos sambaquianos e que eles realmente haviam habitado a nossa região. Então, entregamos um objeto para cada equipe, colocando-o no centro da mesa. Nenhum aluno colocou a mão neles, apenas olhavam curiosos. Um aluno perguntou se podiam tocar no objeto, e ao ouvir a nossa afirmação, todos começaram, com muito cuidado, a tocar nos objetos. Conforme Bittencourt (2004, p. 355), o trabalho com objetos transformados em documentos reside na inversão de um "olhar de curiosidade a respeito das peças de museu, em um olhar de indagação, de informação que pode aumentar o conhecimento sobre os homens e sobre sua história".

Os alunos ficaram maravilhados com a experiência de observar e manipular um objeto tão antigo. Entregamos uma folha para cada grupo e pedimos para que eles fizessem uma ficha contendo o desenho do objeto e as características: qual a cor, se tem ou não cheiro, se faz barulho, de que material é feito, se o objeto está completo, se está usado, quem fez o objeto e se ele é adequado para o uso pretendido.

No entanto, além do diálogo, da aprendizagem pela oralidade, do desenvolvimento da capacidade de observação, a investigação dos objetos fornece oportunidades para atividades com a escrita. Os alunos anotam as informações, preenchem fichas elaboradas com antecedência, fazem desenhos que precisam conter informações sobre autoria, tempo e espaço, etc (BITTENCOURT, 2004, p. 360).

Passamos de equipe em equipe para conversarmos com os alunos sobre os objetos. Levamos algumas fotografias, do livro "Patrimônio Arqueológico: para conhecer e preservar", de sambaquis e de arqueólogos fazendo a escavação dos sambaquis. Enquanto mostrávamos as fotografias para os alunos conversávamos sobre o dia a dia dos sambaquis. Ao ver uma fotografia de um sambaqui alguns alunos comentaram sobre a altura do sambaqui (ficaram impressionados de como era alto). Um dos alunos perguntou como os sambaquianos conseguiam juntar tantas conchas e ossos.

Quando as equipes acabaram de fazer a ficha dos objetos, fizemos um rodízio dos mesmos, de forma que todas as equipes conhecessem todos os objetos.

Para tempos mais recentes, as fontes arqueológicas, devem ser abordadas tendo em vista a possibilidade da analogia com outros povos em situação semelhante, no que chamamos de paralelo etnográfico. Por meio da observação do comportamento de grupos vivos, formularam-se alguns conceitos que foram aplicados ao passado da humanidade e ao estudo das fontes arqueológicas (FUNARI, 2006, p. 96).

Foi uma aula incrível que foi muito além das nossas expectativas. Tamanini (1994, p. 150) afirma que "uma lâmina de machado (lítico), que uma criança possa manusear, tocar e questionar, vale por algumas aulas dadas."

No último dia do projeto, iniciamos a aula entregando para cada aluno um mapa da localização dos Sambaquis na região de Joinville. Falamos sobre a importância da preservação dos sítios arqueológicos. Realizamos a leitura do texto em grupo. Pedimos para os alunos que escrevessem uma carta para alguém falando sobre a importância da

preservação dos sítios arqueológicos. Explicamos que poderia ser qualquer pessoa que eles quisessem, e que a carta deveria ser realmente entregue.

Considerações finais

Muitos e muitos anos de história. Pessoas, que como nós, viveram em um determinado tempo histórico. Cultura, costumes e atitudes diferentes das nossas, mas nem por isso, menos importante. O MASJ - Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville é um verdadeiro tesouro que conserva a história de uma civilização que viveu na nossa região há mais de cinco mil anos atrás.

Tendo em vista o que foi discutido e exposto neste artigo, podemos afirmar que não existe dúvida que o MASJ contribui imensamente para a aprendizagem de História das crianças de terceira série do Ensino Fundamental. Através do relato da experiência com os alunos, verificamos que o Museu permitiu que a aprendizagem de História se tornasse mais significativa e interessante. Os objetos emprestados pelo museu tiveram um papel muito importante na aprendizagem e contribuíram imensamente para que o projeto se tornasse uma experiência surpreendente na vida desses alunos.

Ao longo dos seus anos de história, o MASJ sempre se preocupou em manter os Projetos Pedagógicos atualizados para atender as necessidades da comunidade, dos educadores e dos alunos. Este é um importante trabalho para que haja um maior conhecimento dos povos sambaquianos e também para divulgar a importância da preservação do patrimônio histórico e cultural.

Entretanto, não basta que o MASJ possua excelentes projetos Pedagógicos se são poucos os alunos e educadores que desfrutam deste artifício. Portanto, existe a necessidade urgente de se divulgar estes projetos para que mais pessoas se beneficiem, não só para o ensino e a aprendizagem de História, mas também, para todas as áreas do saber.

Notas

ⁱ <<http://www.orkut.com/>>

ⁱⁱ Guilherme Augusto Emídio Tiburtius, nasceu em Berlim no dia 17/10/1892 e emigrou juntamente com os pais para o interior de Santa Catarina. Desde cedo passou a colecionar artefatos indígenas, interessando-se igualmente por objetos procedentes dos sambaquis. Nunca teve oportunidade de fazer um curso universitário, entretanto, na sua atividade profissional de marceneiro conseguiu, como autodidata, adquirir conhecimentos suficientes que lhe permitiram evoluir como pesquisador e colecionador. (Fonte: Arquivos de Guilherme Tiburtius I, Museu Arqueológico do Sambaqui de Joinville).

ⁱⁱⁱ <<http://www.joinvillecultural.sc.gov.br/home.php?page=6>>

^{iv} Em visita realizada no dia 22 de agosto na disciplina A Sala de Aula – Prática em Geografia, a professora Judith Steibach, do setor de Educação do MASJ, nos apresentou detalhadamente os atuais Projetos Educacionais do Museu Sambaqui.

Referências

ALMEIDA, Adriana Mortara; VASCONCELLOS, Camilo de Mello. Por que Visitar Museus. IN: Bittencourt, Circe Maria Fernandes (org). *O Saber Histórico na Sala de Aula*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História: Fundamentos e Métodos*. São Paulo: Cortez, 2004.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia*. Secretaria Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e Prática de Ensino de História: Experiências, reflexões e aprendizados*. Campinas: Papirus, 2003.

FUNARI, Pedro Paulo. Os Historiadores e a cultura Material. In: Pinsky, Carla Bassanezi (org). *Fontes históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. *Educação Patrimonial*. Comunicação apresentada na Conferência Latino-Americana sobre a preservação do Patrimônio Cultural, 1991.

<<http://www.orkut.com/>>

<<http://www.joinvillecultural.sc.gov.br/home.php?page=6>>

KNAUSS, Paulo. Sobre a norma e o óbvio: A sala de aula como lugar de pesquisa. In: Nikitiuk, Sonia M Leite (org). *Repensando o Ensino de História*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel Ferraz Pereira (orgs.). *Infância e Produção Cultural*. Campinas: Papyrus, 1998.

LIBEDISNKY, Marta. Os Museus e as Escolas: Da Visita Turística à Visita de Descoberta. IN: Litwin, Edith. (org). *Tecnologia Educacional: Política, Histórias e Propostas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

NEMI, Ana Lúcia Lana; MARTINS, João Carlos. *Didática de História: O tempo vivido*. São Paulo: FTD, 1996.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. *A danação do objeto: o museu no ensino de história*. Chapecó: Argos, 2004.

TAMANINI, Elizabete. Museu e Educação: Reflexões acerca da experiência no Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville. Disponível em: <www.pasosonline.org>.

TAMANINI, Elizabete. *Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville: Um olhar Necessário*. Campinas: Dissertação de Mestrado apresentada a Faculdade de Educação, 1994.

TIBURTIUS, Guilherme. *Arquivos de Guilherme Tiburtius I*. Trad. Maria Thereza Bödel. Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. *Ensinar História: Pensamento e Ação no Magistério*. São Paulo: Scipione, 2004.